

Guy Rosolato, tendo como eixo referencial o estudo do desejo e sua relação com o desconhecido, apresenta-nos, neste livro, articulações que partem do desejo e se irradiam, como um leque, para conceitos fundamentais da clínica psicanalítica: sonho, fantasia, conflito, sintoma, castração, ética do psicanalista. Estando o desejo no cerne da pesquisa psicanalítica, o autor nos convida a percorrer um caminho, pelo qual vai revisitando textos de Freud e Lacan.

O desejo, ressalta Rosolato, está ligado à cadeia dos significantes, à sua constituição e percurso e, desse modo, tinge com sua especificidade todas as relações do sujeito com o mundo, bem como com suas atividades mentais. Atrelar o desejo à cadeia significante implica diferenciá-lo da necessidade e da demanda, é eleger o *fallasse* em detrimento do indivíduo. Em outras palavras, o ser humano não se reduz às necessidades biológicas; uma vez inscrito na ordem da linguagem, passa a sofrer inscrições significantes em sua carne. Daí em diante responderá com um corpo erógeno, fazendo demandas que, em última instância, são demandas de amor a um outro, suposto colmar a falta – moeda paga pelo ser ao entrar na rede simbólica. Neste sentido, o objeto da demanda é inessencial, posto que é demanda de amor, enquanto o da necessidade é biológico (o alimento). O desejo nasce da distância entre a necessidade e a demanda e seu alcance conduz a um “desconhecido colhido e condensado por um objeto de perspectiva conforme os ideais dominantes” (p.9).

Se na linguagem popular freqüentemente constatamos alguém dizendo algo como - estou contente pois realizei meu desejo -, o autor resgata com muita propriedade a construção freudiana de desejo, quando recupera que toda a moção desejante, toda tentativa de apreensão de um objeto é uma tentativa de recuperar o objeto o qual, no passado, foi adequado à satisfação. Neste sentido, não existe pos-

## Por desejo, a vida, e o desejo de morte

*Resenha de Guy Rosolato, A Força do Desejo: O âmagô da psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1999, 182 p.*

sibilidade de um sujeito realizar o desejo na realidade, pois seu objeto está irremediavelmente perdido; resta desejarmos sempre... Ou seja, entre a experiência primeira de uma satisfação completa e as tentativas posteriores de recuperá-la, algo se perde, algo fica no registro do desconhecido. É este desconhecido que passará a funcionar como causa, bem como objeto do desejo para o sujeito do inconsciente.

A técnica psicanalítica busca desvelar o acesso ao desconhecido, onde podemos apontar a existência dos desejos recalçados. Contudo, o desconhecido não se reduz àquilo que pode vir a ser desvelado - parte dele permanecerá sempre como um núcleo impossível de ser conhecido, um núcleo onde não existem inscrições significantes e onde devemos esperar uma extinção dos bens esperados do desejo: o silêncio da morte.

Frente à angústia que o defrontamento com o puro desconhecido pode provocar - a morte, a castração e a finitude -, constatamos estratégias inconscientes que visam velá-lo, recobri-lo. Neste sentido, o autor nos fala do desejo como tendo por objeto específico um *objeto de perspectiva* que traz e recobre o desconhecido. Este objeto de perspectiva será pontuado quando, na obra, o autor tratar do sonho, fantasia, conflito, sintoma, castração, ética do psicanalista.

O primeiro capítulo do livro é dedicado ao sonho - *Desejar ou/onde sonhar* -, via privilegiada pela qual o desejo pode se fazer dizer. O nome do capítulo apresenta um jogo de palavras - *ou/onde* - que indica tanto a conjunção quanto a disjunção entre sonhar e desejar, e também a presença, o lugar do corpo sexuado durante a vivência onírica. No que diz respeito à relação entre o sonho e o desejo, sabemos que cada um pode exceder o outro, e o surrealismo explorou aquilo que o autor denominou *fascinio*, como um índice que indica os limites do desejo e sua transposição para o horizonte do gozo. Lembremos do grande representante do surrealismo no cinema, Buñuel no filme *La Belle de Jour* de 1967, onde Catherine Deneuve, a bela da tarde, produz um material onírico e/ou fantasístico que excede o que poderíamos denominar de campo do desejo: gira em torno de um ponto central que aponta para a insistência em produzir situações onde sofreria humilhação - dor física e também moral. No que diz respeito à outra articulação - *Desejar onde sonhar* -, diríamos que o sonhador, tendo como referência inconsciente uma *falta*, a da realidade, pode permitir-se uma ex-

trema volúpia, cujas marcas podem ser sentidas no corpo: ejaculação no homem, orgasmo na mulher que se declarava frígida na realidade. Mas, se o sonho é uma das maneiras de lidarmos com o desconhecido, resta nos perguntarmos qual é o seu objeto-perspectiva. O autor nos diz que é o umbigo do sonho e, neste sentido, um convite constante a continuarmos sonhando, pois que ele não tampona, não oferece um saber acabado que resulta ser sempre da ordem de uma meia-verdade.

Em outros casos, o objeto de perspectiva pode fixar-se num ideal, que passará a funcionar como o significante do desconhecido e, desse modo, servirá como uma tela tampão a recobrir aquilo que é da ordem do vazio. Assim, podemos ter este objeto de perspectiva assinalando uma resposta, como no caso dos ideais míticos, inclusive os religiosos, que criam uma maneira do sujeito lidar com o vazio, com a angústia de morte. Uma das conseqüências desta tela-resposta é o fato de que pode ser algo paralisante, impeditivo da criação, e as alterações psico-patológicas - neuróticas, psicóticas e perversas -, são um caminho privilegiado que o autor resgata para pensar os diferentes mecanismos passíveis de serem articulados numa tentativa de velar o desconhecido.

Em *A dupla potencialidade do inconsciente*, fruto de uma palestra do autor no Rio de Janeiro em 1989, ele explora o fato de o inconsciente ter, a um só tempo, a potencialidade a qual ele chama de *negativa* - que é a de pro-

duzir, via apagamentos de marcas significantes, um não-sentido: lapsos, sonhos, manifestações dos diversos mecanismos defensivos, bem como a potencialidade *positiva* - que produz o sentido pelo agenciamento de significantes. É via mecanismos da metáfora e da metonímia que o edifício dos significantes pode se articular e estabelecer relações de sentido *e/ou nonsense* para um sujeito. Rosolato destaca a importância da tensão entre as potencialidades positiva e negativa do inconsciente, sem o que uma cristalização teria efeitos: seja do lado positivo, produzindo um sentido indubitável, inamovível, obturando o desconhecido, seja o inverso, que leva a uma dúvida permanente, onde o desconhecido e a morte tornam-se alvo e desafio de buscas obstinadas.

A *pulsão de morte enquanto mito* ocupa um lugar nesta obra, na qual a tônica principal é focalizar o desejo à medida que ele ocupa um lugar central em construções coletivas que visam dar alguma consistência sobre as questões de origem, bem como sobre as de fim da vida. Em outras palavras, falamos do mito como aquele que permite a construção de um saber possível a uma dada comunidade, em torno daquilo que é puro enigma. E, embora seja através da morte que possamos designar um lugar a este desconhecido, falar sobre ela, explorá-la, é permitir-se traçar perspectivas futuras sem, no entanto, fazê-la desaparecer. Rosolato retoma a teoria da pulsão de morte apresentada como um mito freudiano e marca de um lado o reducionismo biológico, que nos coloca frente a um fim, e de outro, um desdobramento de esperança na questão da imortalidade: via sucessão de gerações ou, graças a transmissão de uma obra, alguns não desaparecem no tempo. Assim, se o mito freudiano

impõe a necessidade de uma morte interior do corpo, e portanto biológica como inevitável, a imortalidade é acessível via rede simbólica, ou seja, o nome pode sobreviver ao tempo, imortalizando-se. Neste sentido, podemos pontuar a importância que assume, para alguns sujeitos, ter um *filho homem*, encarregado de continuar a linhagem genealógica, mantendo vivo o nome da família, enquanto, para outros, isto se dá via produção de uma obra, caminho aberto para que não desapareçam no tempo.

A morte designa um limite, uma fronteira para além da qual o pensamento teórico não pode avançar - só nos resta bordejar com significantes ao redor deste vazio impossível de conhecer -, "a morte é o desconhecido, então o desconhecido é a morte" (p.52). É a associação do desconhecido com o mal da morte, podendo explicar a rejeição que o desconhecido suscita, que o autor examinará nas três estruturas clínicas: a maneira particular como lidam com o pensamento da morte - por sua presença ou ausência, impedindo a relação com o desconhecido.

Desde a famosa frase de Freud de 21 de setembro de 1897: "Já não acredito mais em minha neurótica", que a teoria freudiana sofre um giro fundamental: o real de um fato deixa de ocupar a ordem do dia como elemento causador da neurose, vindo a fantasia ocupar este lugar. As fantasias, tanto conscientes como inconscientes, são produções imaginárias que oferecem um suporte organizador ao desejo do sujeito e têm como objeto de perspectiva oferecer uma tela que sustente um saber possível ao que é da ordem do desconhecido. O autor, no ca-

pítulo *As fantasias originárias e seus mitos correspondentes*, explora as quatro fantasias fundamentais: a cena originária, a castração, a sedução e o retorno ao seio materno. São construções que a clínica psicanalítica pontua como produções individuais, mas que são temas que se repetem nos grandes mitos culturais e sociais, dando uma consistência possível àquilo que é pura inconsistência. Desta maneira, atribui ao mito a função de agregar fantasias individuais num tecido maior que os amarra: a cultura produzida seja no campo artístico, filosófico, político, ou científico; governando um caminho em busca do desconhecido.

Em *O ponto de vista econômico em psicanálise*, o autor retoma os três pontos de vista metapsicológicos da teoria freudiana: o tópico, o dinâmico e o econômico, salientando que este último define-se pela presença e variação de forças, energias ou pulsões que agem sobre os processos psíquicos. O autor explora esta dinâmica ressaltando que o desejo está mais além do *campo da quantidade*, pois é no da *qualidade semântica* que o desejo pode se fazer dizer, enlaçando o sujeito às suas escolhas na vida. Privilégia a escuta da produção significativa de um sujeito, com suas metáforas e metonímias, como caminho privilegiado de encontro com a verdade, sempre não-toda e, desta maneira, permite que o sujeito possa se responsabilizar por *escolhas* na história de sua vida.

Ao trabalhar *O desconhecido na experiência do desejo*, o autor destaca a importância da figura materna que, ao anteciper o sentido para a criança, vai lhe oferecendo material significativo a fim de que possa contornar aquilo que é da ordem do vazio: o real. "Ela lhe fala para que os significantes, embora necessariamente enigmáticos porque não compõem ainda signos mas também porque podem escoltar mensagens sexuais maternas elas próprias

enigmáticas, despertem na criança o desejo e a curiosidade a partir de uma primeira relação de desconhecido" (p.125). Assim, os primeiros significantes se fixam para uma criança através do sentido oferecido pela mãe, e a clínica nos apresenta casos onde podemos acompanhar os efeitos da impossibilidade de certos significantes se inscreverem: a forclusão. No caso da perspectiva lacaniana sabemos que o significante que não se inscreve é o do Nome do Pai, provocando efeitos na estrutura psíquica tais como podemos pontuar nas psicoses. São casos onde destacamos que *falta o significante da falta*, a ausência não pode ser vivida como etapa fundamental para fazer frente ao desconhecido que se oferece nestes casos como puro real, angústia pre-scientificada.

Em *O desconhecido na idealização do desejo*, o autor focaliza os ideais que supostamente ocupariam o lugar do objeto de perspectiva, ou seja, o significante do desconhecido que impulsiona o desejo direcionando-o para um ideal. Nos cinco grandes campos que buscam atrair as atividades mentais - religião, ciência, política, estética e filosofia -, o autor destaca maneiras de a coletividade criar respostas ao desconhecido e abrir um caminho. Destacamos aí a promessa de uma esperança possível frente àquilo que é impossível de conhecer. Num contraponto, o autor investiga os caminhos do desejo quando ele tende para uma idealização onde um limite extremo é visado, e a morte surge como objeto de perspectiva. Trata-se do *desejo puro* que nutre um gozo narcísico indo até os confins do masoquismo - "a rigor, um desejo "puro" é um desejo de morte, no mais intenso do desconhecido" (p. 52). É

na tragédia de Antígona que o autor, ao trabalhar os paradoxos da imagem do pai idealizado que são os deuses, focaliza a questão do *desejo puro* na escolha feita pela filha de Édipo. Entre dois caminhos, o que a coloca frente ao interdito imposto pela lei da cidade, onde Creonte é seu representante, e que também a liberaria para uma possível progeneritura com Hêmon e a conseqüente continuidade da série marcada pela presentificação do fruto do incesto, escolhe o outro caminho: aquele que é regido pela lei dos deuses que a leva à sepultura. Escolhe a morte à vida e, nesta escolha reconhece tanto o incesto quanto o interdito. Ao colocar em primeiro plano a importância de oferecer a Polinice os ritos funerários e pagar este ato com a moeda de sua própria vida, a um só tempo toma o partido do incesto e prolonga o interdito num castigo absoluto. "Seu desejo puro, sua paixão, não concebia mais que um único objeto de perspectiva: a morte voluntária no suicídio" (p. 149).

No final deste capítulo o autor propõe-se a pensar uma questão ética: a do psicanalista face ao *desejo puro* e ressalta em Lacan que o desejo do analista não pode ser um desejo puro. Por um lado enfatiza o perigo do analista aprisionar-se à idéia de querer o bem, desejando preservar a vida. Isto o deixa vulnerável, via relação transfereencial, a possíveis passagens ao ato do analisando. De outro lado, ressalta o perigo do analista idealizar o desejo puro, tendendo a idealizar o suicídio – sabemos que o analista faz parte do sintoma do seu analisando e, neste sentido, a cumplicidade numa passagem ao ato poderia ter efeitos desastrosos. A ética do psicanalista não pode deixar-se fascinar por qualquer desejo puro; é fundamental que possa oferecer um suporte ao desejo, inclusive aos seus, mais além do seu teor de sentido, assumindo o desconhecido e sua abertura para novas descobertas, novas criações.

Neste sentido, pensar a relação entre lei e desejo é fundamental, e o autor focaliza a relação deste binômio no capítulo *Transposição do desejo*. Nele destaca algumas linhas de força que servem de balizas ao desejo e dentre elas focalizaremos a importância da incidência do terceiro paterno como elemento de corte na relação dual mãe-filho. É via este elemento terceiro, que é o falo, significativo do desejo e objeto perspectiva para toda referência sexual, que podemos pontuar sua incidência como fator reordenador da estrutura numa triangulação edípica. É esta operação simbólica, a da incidência da metáfora paterna, que inaugura uma Lei primordial, possibilitando o surgimento de um sujeito desejante. Lei e desejo, como se articulam? Quais os caminhos por onde um excede o outro?

O autor trata destas questões no capítulo *O desejo é transposto pela lei*, onde ressalta que a lei está atrelada a prescrições que têm por objetivos valorizar vias precisas, através das quais o desejo pode se expressar. O parricídio e o incesto nos falam de desejos universais e da importância da lei, como condição fundamental para que a vida seja sustentada numa sociedade, mesmo que ao preço de uma perda: a não colocação em ato do desejo. A via subli-matória foi apontada por Freud como privilegiada para que aspectos horrendos do ser, abrissem caminhos e vissem à luz.

No capítulo *O desejo transpõe a lei*, o autor nos fala dos diferentes processos pelos quais o desejo busca transpô-la, dado que o recalque nunca

é um recalque perfeito – ele deixa brechas por onde o desejo se faz dizer através das roupagens dos sintomas, das fantasias ou ao sofrer transposições com os ideais e as sublimações. Mas o desejo também transpõe a lei no campo das transgressões, onde atos vêm a contradizer a lei: perversões sexuais, suicídio.

E o autor nos diz que o desconhecido aceito é a fonte do prazer de pensar, da comunicação, onde os significantes, a expressão e os afetos, relacionam o conhecido com o desconhecido, animando toda a curiosidade intelectual; e isto se verifica tanto na sexualidade, onde há o gozo pelo desconhecido do outro sexo, quanto na jubilação estética.

Este tom de esperança no lidar com o desconhecido via jubilação estética é acentuado em uma das vertentes possíveis do homem lidar com a solidão, o que é tratado em *Solidão: Suplício ou Serenidade*. O título deste capítulo indica a possibilidade de explorar o sentimento de solidão em duas vertentes que trilham caminhos divergentes: a do suplício ou da serenidade. Viver a solidão como um suplício, seja como um movimento procurado via ruptura das relações com outrem ou, pela escolha em impor a solidão a outrem, está intrinsecamente ligado a um sofrimento onde mecanismos masoquistas nos oferecem pistas de uma mortificação ocupar o lugar do objeto de perspectiva do sujeito.

Num contraponto temos a solidão com serenidade, onde ao desejo é permitido explorar caminhos desconhecidos, e neste movimento poder criar.

O poema "Ausência", de Carlos Drummond de Andrade, impôs-se a autora desta resenha durante a leitura deste capítulo e, neste sentido, fizemos uma escolha: que marcasse o final do texto, resignificando o que foi dito. A solidão, para alguns, pode ser elevada a uma solidão conquistada, serena; ausência enquanto operadora da presença possível...

#### AUSÊNCIA

*"Por muito tempo achei que a ausência é falta  
E lastimava, ignorante, a falta,  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta sem ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a branca, tão pegada,  
aconchegada em meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim."*

Fazer da falta um dom, da ausência uma força para a invenção, do nada um convite para um movimento é estarmos no campo do desejo e do saber fazer algo com o desconhecido, marcado com o estilo de cada um.

Walkiria Helena Grant é psicanalista e professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.